

~~1100/111~~

1940

P-3

Os alemães no Sul
do Brasil: Ponto de
vista alemão:

Reinhard Maack

P. 1
Jan 2

LVII-59

*Definição na
S. D. I.*

OS ALEMÃES NO SUL DO BRASIL: PONTO DE VISTA ALEMÃO

REINHARD MAACK.

Entre os alemães do Brasil Meridional devemos distinguir dois agrupamentos políticos:

1º - Germano-Brasileiros, ou Teuto-Brasileiros, nascidos no Brasil, de origem e sangue alemães.

2º - "Reichsdeutsche". Estes fazem parte da Nação Brasileira, mas nasceram na Alemanha de pais alemães e continuam sendo cidadãos alemães.

Visto que os do primeiro grupo residem no Brasil há muitas gerações, o seu estatuto político bem como o dos seus filhos está claramente definido.

O mesmo não acontece quanto aos do segundo grupo; trata-se aqui de cidadãos alemães que só podem ser classificados como imigrantes até um certo ponto, e que, em muitos casos, vieram ao Brasil para uma permanência longa mas não definitiva, com o simples intuito de levar avante suas ocupações. As leis brasileiras de imigração, porém, só fazem distinção entre imigrantes e turistas ou homens de negócios em viagem. Se uma pessoa desejar permanecer no Brasil por mais de três ou seis meses (período concedido aos turistas ou homens de negócios), deverá legalizar sua residência; daí em diante é classificada, de acordo com a lei, como imigrante mesmo que tenha vindo ao Brasil em visita temporária com empregado de firma alemã ou como cientista. Os membros do Corpo diplomático constituem exceção a essa regra.

Não importa a classe a que pertença o cidadão alemão, seja ele imigrante, turista ou representante comercial os filhos desses alemães, se nascidos no Brasil, são legalmente cidadãos brasileiros.

Os filhos de cidadãos alemães, nascidos no Brasil, ocupam assim uma posição intermediária, pois que são Alemães pela lei alemã e Brasileiros pela lei brasileira. Esta regulamentação brasileira é vantajosa para as crianças cujos pais decidam permanecer no país, porém, para as crianças cujos pais voltam para a Alemanha, constitui uma séria desvantagem - a "praga da dupla nacionalidade"! Esta divisão dos alemães residentes no Brasil em vários grupos resulta do caráter do Brasil como país de imigração. A regulamentação

do Governo brasileiro daí resultante, a-pesar-de compreensível não pode, porém, destruir a união nacional de todos os alemães, unidos por laços de sangue e de cultura **Comuns**. No sentido nacional, um Alemão é sempre Alemão não importa para que país o seu destino o tenha conduzido nem em que continente tenha nascido.

Não nos é possível, nas páginas que se seguem, fazer um exame completo dos Alemães do Brasil, nem uma descrição detalhada da imigração alemã. Unicamente os distritos mais importantes do Brasil Meridional colonizados por alemães serão considerados aqui: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Eles são considerados pelo Governo brasileiro como "distritos especiais", desde 1937, de acôrdo com o programa de nacionalização, e os regulamentos de nacionalização, bem como as leis sôbre imigração veem sendo executadas mais rigorosamente nesses três Estados do que no resto do país. Paraná, Santa Catarina e Rio Grande são "distritos especiais", no intuito de combater com eficácia o elemento alemão, tanto cultural quanto politicamente. Enquanto, em 1938, no Sul do Brasil se falava simplesmente em campanha de nacionalização, hoje, os Luzo-Brasileiros se referem abertamente a ela como sendo uma campanha "de desgermanização" ("Gazeta do Povo", Curitiba, abril de 1939).

A colonização alemã no Brasil Meridional tem uma história de mais de 100 anos. Em 25 de julho de 1824 o primeiro grupo de colonos alemães veio para o Rio Grande do Sul, e, em novembro de 1828, para Santa Catarina. Dalí, os primeiros colonizadores alemães se mudaram para o Estado do Paraná, em 1829.⁽¹⁾

Enquanto no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sem contar a população de origem portuguesa ou mixta, o elemento alemão existe em maior quantidade do que o italiano ou o polonês, no Estado do Paraná os slavo-brasileiros (poloneses, rutenos e russos) são em maior número do que a população de origem alemã. No Estado do Paraná não se desenvolveram grandes e homogêneas colônias alemãs; só podem ser encontradas alí, entre colônias predominantemente mixtas, pequenos estabelecimentos coloniais alemães.

Nunca foi computado estatisticamente o número exato de Alemães que emigrou, diretamente da Alemanha para os três Estados do Sul do Brasil. Na avaliação desse número devemos considerar que entre os imigrantes alemães estão incluídas muitas pessoas que, de

(1) Para uma narração detalhada e cronológica da fundação de diversas colônias alemãs no Brasil Meridional, v. a nota no fim deste artigo.

vido á lamentável situação política de sua pátria, possuíam a cidadania de outros países. As estatísticas sôbre imigração declaram sómente a cidadania anterior e não a nacionalidade. Como ilustração da importância numérica dos Alemães do Brasil Meridional, oferecemos aqui alguns dos dados mais importantes.

Para o Rio Grande do Sul nós temos as publicações de Aurelio Porto, Pellanda, Lionardo Truda, Sellin, K.H. Oberacker e H. Porzelt contendo as seguintes cifras relativas á imigração alemã:

De 1824 a 1870		24.570
" 1871 " 1914	ca.	35.000
" 1919 " 1934	ca.	<u>25.000</u>
	Total ca.	84.570

A população alemã atual do Rio Grande do Sul, avaliada em 520.000 almas, é um tributo á grande vitalidade biológica dêsse povo.

Para Santa Catarina são muito mais difíceis de obter as cifras dignas de crédito. Assim, por exemplo, não é conhecido o número de imigrantes alemães que se dirigiram para Santa Catarina, depois da Grande Guerra, entre 1919 e 1934. No computo total, 71.467 cidadãos alemães emigraram da Alemanha para o Brasil durante aquele período; dêste número, 54.000 foram durante o período de 1919 a 1924. O decréscimo da emigração alemã para o Brasil de 1925 a 1934 foi, portanto, considerável e por volta de 1934 essa emigração cessou virtualmente. Essas cifras não incluem austríacos, Alemães-Sudeto, Germano-Suíços e Germano-Russos que, igualmente, se estabeleceram no Brasil. Não obstante, um total de cerca de 80.000 pessoas de nacionalidade alemã deve ter vindo para o Brasil no período do após-guerra. Aqui também, não foi jamais averiguada qual a distribuição dêsses imigrantes pelas diversas regiões do Brasil. Muitos dêles permaneceram nas grandes cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, cerca de 25.000 se encaminharam para o Rio Grande do Sul e aproximadamente 18.000 para o Estado do Paraná; os restantes foram distribuídos por Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Em 1929 José Deeke avaliou a população de língua alemã no Estado de Santa Catarina em cerca de 206.000; hoje em dia, ela pode ser calculada em 250.000. Considerando que cerca de 10% das pessoas de origem alemã não mais falam o alemão, pode-se avaliar em cerca de 275.000 as pessoas de sangue alemão em Santa Catarina.

Podem ser citados aqui, em relação á Santa Catarina, dois exemplos que mostram a vitalidade biológica dos colonos alemães. Descendentes vivos de um certo Hans Adam Schmidt, que, em 1829, emigra

ra para São Pedro aos 16 anos de idade, totalizavam 748 almas em 1929, enquanto que a soma total de seus ascendentes, incluindo os mortos subia a 829. Da mesma forma, o número de netos, bisnetos e tetranetos de Jacobus Goedert que imigrou aos 10 anos de idade, em 1829, subia a 461 pessoas em 1929.

No Paraná, a população de língua alemã é aproximadamente 76.000 pessoas, às quais devem ser adicionadas cerca de 40.000 de sangue alemão que não falam a língua alemã. No total, então, a população alemã do Paraná se eleva a cerca de 126.000 almas, das quais cerca de 25 mil pessoas são ainda cidadãos alemães.

De acôrdo com os números acima referentes aos povos de sangue alemão, existem nos três Estados sulinos do Brasil:

No Rio Grande do Sul ...	520.000	em	3.100.000	habitantes
Em Santa Catarina	275.000	em	1.000.000	habitantes
No Paraná	126.000	em	1.000.000	habitantes
Total	921.000	em	5.100.000	habitantes.

Subtraindo dêste total, o número de cidadãos alemães, isto é:

No Rio Grande do Sul	cerca de	50.000
Em Santa Catarina ..	cerca de	30.000
No Paraná	cerca de	25.000
Total		105.000

Ficam, portanto, 816.000 brasileiros de descendência alemã nos três Estados.

A êste respeito, deve-se observar que cerca de 27.000 cidadãos alemães vivem em São Paulo, ao lado de 305.000 italianos, 131.700 japoneses, 176.000 portugueses, 160.500 hespanhoes, 25.600 sírios e 105.500 outros estrangeiros (censo de 1934).

Os primeiros imigrantes alemães eram, sem exceção, pessoas praticamente sem meios. Seu capital principal era uma disciplina ancestral, uma persistente capacidade para o trabalho, um devotado amor à ordem e à economia. Entre êles predominavam pequenos camponeses, artífices e trabalhadores.

Alem dêsses havia ainda um grupo de pessoas arrancadas da terra natal pelas guerras européias, especialmente as napoleônicas, as quais mais tarde vieram a servir como mercenários no Exército brasileiro; a maior parte destes últimos deixou-se ficar permanentemente no país. Os colonizadores alemães no Rio Grande do Sul, receberam um incremento consideravel dos membros da "Legião Alemã", os

quais haviam lutado pelo Brasil contra a Argentina em 1851-52. Esta "Legião Alemã" era formada de voluntários das antigas tropas do Schleswig-Holstein, popularmente apelidadas "Brummer" (rosnadores). Sendo a maior parte desses homens bem treinados e cheios de iniciativa, forneceram aos colonizadores alemães os primeiros chefes intelectuais, professores, editores e funcionários locais. Durante o período subsequente e até 1914, a imigração foi constituída, principalmente, de famílias de camponeses (representando 76% dos imigrantes); o tamanho médio dessas famílias em 1912 era de 4.7 pessoas. Depois da guerra mundial, lavradores, artífices e comerciantes assim como pequenos camponeses, vieram para o Brasil. Finalmente, a partir de 1932, a corrente imigratória tornou-se mais ampla incluindo intelectuais, empregados bancários, peritos em agricultura, juristas e médicos, muitos dos quais adquiriram pequenas fazendas, especialmente no norte do Paraná.

Essa gente, de idêntico sangue e espírito, ainda que de diferente nível intelectual, forma um padrão cultural e social que deu ao Sul do Brasil um caráter único. Esses estabelecimentos alemães são exemplares; além do seu valor econômico são um ornamento para a paisagem. A perseverança, a iniciativa e a limpeza criaram, nos três Estados meridionais do Brasil uma civilização, apesar dos começos primitivos e dos meios inadequados e lutando contra tremendas desvantagens.

Os Alemães abriram a zona das florestas à agricultura sistematizada. Os luso-brasileiros não as utilizavam; a criação de gado e vida campestre dela decorrente os atraíam mais. Não foi senão muito mais tarde que os Italianos e também os Poloneses e Ucrânicos, no Paraná, começaram a fazer o mesmo. Hoje, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina são os camponeses de origem alemã que mais contribuem para a agricultura. Só no Rio Grande do Sul, cerca de dois terços das terras aráveis são cultivados por colonos de sangue alemão.

A condição social e econômica dos Germano-Brasileiros e dos cidadãos alemães é determinada por uma definida estratificação vocacional. A grande maioria dos alemães do Sul do Brasil, cerca de 65% (no Rio Grande do Sul chega a 75%), são fazendeiros e dedicam suas vidas ao labor corporal ininterrupto. Cerca de 35% de todos os alemães nos três Estados meridionais se ocupa de pequenos ofícios, do comércio e da indústria, etc.. Encontram-se firmas germano-brasileiras importantes sobretudo na indústria têxtil e no comércio. Conquanto Germano-Brasileiros raramente façam enormes fortunas, o seu nível médio de prosperidade é relativamente alto.

Nos primeiros anos da imigração, quando o trabalho corporal era executado exclusivamente pelo escravo negro ou por empregados indigentes (agregados) - visto que o luzo-brasileiro evita o labor físico - o colono alemão era considerado também como simples besta de carga. A imigração de colonos era vista como substitutopa para a decrescente importação de escravos, ponto de vista este que ainda pode ser encontrado, de forma velada, nas grandes fazendas de café de São Paulo. O colono alemão foi forçado, desde o começo, a realizar trabalho físico, no qual, visto serem pequenos os estabelecimentos agrícolas, todos os membros da família - inclusive mulheres e crianças - tinham que participar. Como os filhos dos colonos alemães cedo descobriram a relutância da mulher brasileira em se dispor ao trabalho físico, foram forçados a procurar esposas tão distantes ao trabalho como eles. Daí a maior parte dos casamentos se fazerem quasi que exclusivamente entre Alemães ou pessoas de origem alemã, ou mais raramente, com colonos poloneses e italianos, os quais também não tinham relutância ao trabalho. Em regiões puramente alemãs quasi nunca se realizavam casamentos mixtos e mesmo em distritos de população mixta, grande número de alemães contraíam casamento entre si. Interessantes estatísticas são fornecidas pelo registro de casamentos da paróquia católica de Ijuí, no Rio Grande do Sul, para os anos de 1899 a 1932. De 100 casamentos:

48%	eram casamentos entre homem alemão e mulher alemã
8%	" " " " " italiana
17%	" " " mulher alemã e homem italiano
4,8%	" " " " " polonês
6,6%	" " " homem alemão e mulher polonesa
7,6%	" " " " " e mulher luzo-brasileira
8%	" " " mulher alemã e homem luzo-brasileiro.

A contribuição dos colonos alemães ao Brasil tem sido sempre reconhecida e apreciada por Brasileiros justos e razoáveis. Assim, o luzo-brasileiro Aurelio Porto comparou a inclinação ao trabalho dos alemães com a "industriosidade das abelhas" e o Presidente do Rio Grande do Sul, Homem de Mello, qualifica os alemães de "raça que tem energia e religião". Da mesma forma, o ex-Presidente Manoel Ribas, do Paraná, atualmente Interventor Federal nesse Estado, tem, continuamente gabado a assiduidade e a disciplina dos colonos alemães, nos quais ele vê um elemento de valor para o futuro do Estado. E nada menos que a figura do Visconde de Taunay nobremente reconheceu as virtudes dos colonos alemães quando, na Assembléia Geral de 2 de Outubro de 1882, disse: "Basta dizer que cada um dos estabelecimentos alemães é uma escola prática de amor ao trabalho".

Nas cidades, o vigor billógico e a resistência nacional

é muito mais fraca do que nos compactos estabelecimentos agrícolas. O sucesso econômico no comércio e na indústria elimina, em grande parte, a necessidade de trabalho corporal, e conseqüentemente, a necessidade de um espôso de mentalidade semelhante, ao passo que uma posição social mais alta facilita o acesso à sociedade luzo-brasileira. Assim nós encontramos frequentemente entre "inteligência" alemã, que deveria prover os camponeses germano-brasileiros de guias intelectuais, uma decadência nacional definida, como a maior inclinação para o casamento mixto e uma mais rápida adaptação à civilização luzo-brasileira. Um trágico exemplo dêsse fato é o que encontramos na pessoa do mais proeminente campeão da nacionalidade alemã no Sul do Brasil, Karl von Koseritz. Ele casou com uma luso-brasileira e os seus descendentes foram, assim, perdidos para a população germano-brasileira.

Se um grupo é separado de sua pátria e, ao mesmo tempo, seu sangue é diluído por casamentos mixtos, os traços típicos e as habilidades do grupo são destruídas. Os descendentes das mais divergentes nacionalidades, nascidos no Brasil, possuem um sentimento profundo de pátria e terra natal tanto quanto qualquer descendente de nacionalidade portuguesa. A pretensão da nacionalidade portuguesa, com seus elementos mixtos, à exclusiva dominação política e cultural é rejeitada, como injusta e infundada, pela maior parte dos brasileiros de outra origem.

Quando os primeiros imigrantes alemães vieram para o Brasil há mais de 100 anos não existiam instituições culturais governamentais que pudessem satisfazer mesmo às menores necessidades dos colonos. Não havia praticamente analfabetos entre os que vieram da Europa para o Brasil. Mesmo o mais humilde dos lavradores, dentre os que vieram para o Brasil nos últimos 100 anos, possuía alguma instrução. Muito naturalmente, portanto, os imigrantes alemães fizeram todos os esforços no sentido de preservar seus filhos do analfabetismo, mau grado o duro trabalho nas selvas. Deram-lhe simples mas sólida educação. Visto que não existiam escolas públicas, os colonos fundaram suas próprias escolas. No Rio Grande do Sul, em 1872, 78,1% da população era ainda analfabeta; somente 20% das crianças em idade escolar iam à escola. Em 1920 a percentagem de analfabetos no Rio Grande do Sul decrescera para 61,2%, enquanto em 10 outros Estados brasileiros as cifras eram de 80% e nos restantes Estados de cerca de 70%. O Rio Grande do Sul, em 1920, era o único Estado com menos de 70% de analfabetos. Por volta de 1875 existiam no Rio Grande 99 escolas germano-brasileiras e, por volta de 1900, êste numero havia aumentado para 301.

Devemos admitir que na ultima metade do século XIX o Governo brasileiro tentou satisfazer as necessidades educacionais da população germano-brasileira estabelecendo para isso escolas públicas nos distritos germano-brasileiros; contudo, êste intento não pôde ser adequadamente realizado devido à falta de meios culturais e financeiros. Na municipalidade de Blumenau havia sómente 4 escolas publicas, em 1904, contra 108 escolas particulares germano-brasileiras. O sistema escolar germano-brasileiro desenvolveu-se dentro das disposições das leis escolares existentes. Não foi senão depois da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em 6 de Abril de 1917, quando um decreto proibindo todas as escolas germano-brasileiras foi assinado, que o Governo do Brasil começou a estabelecer escolas publicas, em larga escala, nos distritos alemães. Não obstante, milhares de crianças filhas de colonos alemães ficaram sem instrução e por isso a reabertura das escolas particulares germano-brasileiras foi permitida ao findar a guerra. No ano de 1928 havia 132 escolas particulares germano-brasileiras em Blumenau, contra 68 escolas publicas.

Essas escolas germano-brasileiras eram mantidas exclusivamente com fundos particulares da população alemã. As associações escolares locais isoladas formavam vastas entidades e através dessas se ligavam a uma associação central, situada em São Paulo. Esta associação central controlava, em 1927, 1.155 escolas germano-brasileiras com 46.139 crianças. Destas, 937 eram situadas no Rio Grande do Sul, 180 em Santa Catarina, 60 no Paraná, perfazendo um total de 1.177 escolas particulares.

Os teuto-brasileiros, além das escolas, devotaram as suas energias à Igreja, à imprensa alemã e a uma vida social ativa, centralizada em clubes. O zelo religioso dos colonos alemães é atestado pelos jesuitas alemães, um dos quais escreveu em 1845: "O zelo religioso do bom colono alemão nos surpreendeu tanto mais quanto a população vive sem ter quem se ocupe de suas almas, num ambiente de indiferença religiosa". As comunidades católicas existentes entre os teuto-brasileiros provêem a Igreja Católica com o clero necessário, da mesma forma que os membros da Igreja Evangélica provêem à sucessão constante dos seus ministros. Este fato está em flagrante contraste com as condições existentes no Brasil Setentrional, o qual não tem recebido outra imigração européia senão a que vem do Portugal e onde o clero só é renovado com grande dificuldade. Cerca de 300.000 pessoas, ou seja 30% da população alemã dos três Estados do Sul do Brasil, são católicas e cerca de 70% (621.000) pertence a várias seitas protestantes, tais como a Igreja Evangélica alemã, a cha

mada "Missouri Synod" e um certo número de congregações livres.

O trabalho arduo não impede os colonos alemães de se deixarem levar pelo seu pendor natural pelos clubes sociais. Neste sentido, tem eles feito reviver tradições importadas da mãe pátria, tal como sejam a música, o teatro, o tiro e todo e qualquer esporte. Os trabalhadores também se congregaram em associações de auxílio mútuo. Assim, a associação de assistência mútua aos trabalhadores de Curitiba era, com os seus 3.000 associados, uma entidade de grande projeção. Em 1937, havia cerca de 320 associações teuto-brasileiras ou alemãs no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Execução feita das mais recentes associações de Veteranos alemães cujos membros viviam em muito boas relações com os do Exército brasileiro, não se fazia distinção alguma, até 1933, entre cidadãos alemães e teuto-brasileiros, membros das demais associações. Depois de 1933 os cidadãos alemães no Brasil - como aliás por toda parte - formaram associações nacional-socialistas para expressar sua solidariedade a mãe pátria. Antes de mais nada, porém, cada membro se comprometia a respeitar firmemente o princípio da não-interferência nos negócios políticos do país no qual vivia assim como prometia estrita obediência às leis do mesmo. Os teuto-brasileiros foram propositalmente excluídos dessas associações de cidadãos alemães no intuito de lhes serem evitados conflitos com as suas obrigações civis de cidadãos do Brasil. Devido a mal-entendidos, cidadãos alemães de um lado e teuto-brasileiros do outro se encontraram frequentemente em campos opostos e hostis. A mãe pátria alemã exercera tão somente a direção cultural dos descendentes de seus subditos emigrados mas se abstera sempre do mais ligeiro patrocínio político.

Um exame das realizações dos imigrantes alemães no campo cultural não ficaria completo se se deixasse de mencionar a imprensa teuto-brasileira a qual representa uma atividade literária cheia de vida dos teuto-brasileiros. Isto é tanto mais surpreendente quando considerarmos que os 115 anos de história colonial dos teuto-brasileiros representa, principalmente, uma luta ininterrupta pelo progresso econômico, tendo eles partido de uma posição social primitiva. Em tais condições, pouco tempo ficava pois para ser dedicado ao desenvolvimento de uma literatura e de uma arte indígenas. E, apesar de tudo, poderia ser mencionada uma linhagem de poetas e escritores, que muito honram o Brasil e os teuto-brasileiros. Em 1937, a imprensa teuto-brasileira compreendia 10 diárias e 40 publicações periódicas.

Enquanto realizações de vulto podem ser relacionadas em

todos os campos culturais e econômicos - além de escritores havia pintores, escultores, engenheiros, cientistas, grandes comerciantes e industriais - uma atividade havia pela qual os alemães do Brasil Meridional jamais se interessaram: a atividade política. A participação de Teuto-Brasileiros na política e na vida pública do Brasil está limitada aos nomes de Karl von Koseritz, Dr. Lauro Mueller, Felipe Schmidt e dos irmãos Konder. O fato de terem os teuto-brasileiros dos Estados meridionais do Brasil permanecido alheios à política, tem prejudicado os seus interesses nacionais e, desde 1937, eles se vêem a braços com uma grave crise, porquanto, hoje em dia está em jogo a vida ou a morte de sua nacionalidade.

É ridículo falar-se de "perigo alemão" no Sul do Brasil. Os brasileiros de origem alemã, infelizmente indiferentes a lutas políticas, tem-se sempre submetido sem oposição à hegemonia política dos luzo-brasileiros cuja verdadeira atividade nela reside. O teuto-brasileiro tem sido sempre um dos cidadãos mais disciplinados e ordeiros do Brasil. Sobretudo as gerações mais novas de teuto-brasileiros, sendo cidadãos do Brasil, se entusiasma grandemente pela idéia de um Brasil maior, e nenhuma acusação pode ser mais injusta que a de lhes atribuir idéias de separatismo. O absurdo desta acusação torna-se ainda mais flagrante se considerarmos estarem os estabelecimentos alemães do Centro e do Sul do Brasil espalhados por vastos territórios e ser a sua população em número muito inferior aos brasileiros de outras origens.

Nem os teuto-brasileiros nem os cidadãos alemães podem compreender como pode um luzo-brasileiro educado aceitar, sem crítica, como verdadeiros os avisos constantes da imprensa acerca dos planos de conquista alemã no Sul do Brasil. Os alemães do Brasil meridional vêem nisto uma infundada e maldosa propaganda feita por outras nações e motivada exclusivamente por interesses político-econômicos. Os interesses da Alemanha no Brasil são de caráter puramente econômico e ela deseja relações de amizade para poder levar avante um comércio ativo no interesse dos dois países.

O Brasil é a mãe pátria dos Teuto-Brasileiros da mesma forma que o é para outros Brasileiros. Quem quer que seja que ataque o Brasil, do exterior ou do interior, deverá contar com a máxima resistência, quer este ataque venha do Amazonas, da fronteira da Bolívia ou do Rio Grande do Sul. Os Teuto-Brasileiros tem um sentimento profundo da sua ligação ao solo do Brasil. Os pontos de vista variam em relação ao conceito de "brasilidade". Um pequeno número de Teuto-Brasileiros aceitou, sob influência integralista, a idéia de uma fusão geral de raças. A maior parte deles, porém, guarda a con-

vicção de que o Brasil, sendo um país de imigração é a verdadeira patria de todas as raças e nacionalidades nele representadas, donde se deve seguir a perfeita igualdade, nacional e política, de todos.

Quando os primeiros colonos alemães vieram para o Brasil, em 1824, o país havia se tornado independente de Portugal havia apenas 2 anos. Infelizmente, os alemães que então emigravam -pequenos camponeses, lavradores e artífices- eram completamente destituídos de treino político e não haviam jamais ouvido em sua patria coisa alguma a respeito de direitos políticos. Estavam acostumados a obedecer e a se subordinarem. O decreto brasileiro de colonização, de 16 de Março de 1820, prometera importantes direitos políticos aos imigrantes. "Gozarão dos mesmos privilégios e direitos concedidos aos súbditos portugueses". Ficavam asseguradas aos colonos importantes possibilidades de govêrno próprio local. Estas promessas não se realizaram, porém, pois que os colonos não foram reconhecidos como cidadãos brasileiros.

Mesmo depois da Guerra dos Farrapos (1835-45), durante a qual os colonos alemães lutaram pelo Govêrno imperial brasileiro, o Duque de Caxias era obrigado a escrever ao Ministério: "Os colonos ardentemente desejam ser reconhecidos cidadãos brasileiros de acôrdo com o entendimento concluído com êles..." Até mesmo filhos de colonos alemães, nascidos no Brasil, não foram reconhecidos como Brasileiros; pelo contrário, eram tratados como estrangeiros. Em 1879, nem mesmo à quarta parte dos colonos alemães em idade legal era então concedida cidadania brasileira. Visto que por outro lado os colonos haviam perdido a nacionalidade alemã, devido às leis então existentes na mãe patria, ficaram sem nacionalidade e praticamente sem direitos.

Finalmente, alguns dos homens da "Legião Alemã", os "Brumer" -a maior parte dos quais era composta de revolucionários de 1848- conseguiram vencer o preconceito brasileiro de que colono não passava de um animal de carga e de um substituto para o trabalho escravo. A mais importante personalidade na luta dos colonos alemães pelos direitos políticos, foi a de Karl von Koseritz. Após uma longa luta política foi êle eleito para a Câmara provincial como primeiro riograndense de origem alemã. Com a revolução de 15 de Novembro de 1889, a todas as pessoas residentes no Brasil foi concedida cidadania brasileira. Karl von Koseritz conquistara para os Teuto-Brasileiros a igualdade nominal com os Luzo-Brasileiros. A verdadeira igualdade nacional e política, porém, continua sendo negada aos imigrantes europeus de nacionalidade não-luzitana.

A ignorância do idioma português por parte dos Teuto-Brasileiros é frequentemente exagerada. Esta ignorância só se encontra muito raramente e, só em estabelecimentos isolados onde a população não tem tido oportunidade de aprender a língua devido à falta de escolas publicas. Nesses lugares, o alemão reina como idioma escolar. Hoje em dia, alguns Brasileiros acreditam que a língua alemã deveria ser exterminada. Esta filosofia é realmente bolchevista. Embora o nacionalismo brasileiro difira em muitos pontos do bolchevismo, combatendo-o como "ideologia estrangeira", na sua destruição dos valores criadores da individualidade nacional, usam ambos os mesmos métodos universalistas e mecânicos. O bolchevismo deseja o abandono das características peculiares às nações do globo, e o nacionalismo brasileiro extremado tem o mesmo fito dentro das fronteiras brasileiras. Todas as nacionalidades residentes no Brasil tem de ser racialmente fundidas. Essa idéia foi disseminada nos círculos teuto-brasileiros pelo movimento integralista, o qual está sendo agora combatido pelo Governo nacional. Um chefe teuto-brasileiro durante uma recepção à Plinio Salgado, em Blumenau, exclamou: "No momento da confraternização completa de toda a familia brasileira dentro do estado integral, não existirão mais diferenças de raça e de côr" (Blumenauer Zeitung, 1º de Dezembro de 1935). É interessante notar que esta idéia integralista brasileira teve muitos adeptos entre a população alemã devido a má interpretação da ideologia. No Rio Grande do Sul, 55% dos chefes do movimento integralista eram brasileiros de origem alemã.

Desde Novembro de 1937, medidas de nacionalização tem sido aplicadas com tal severidade nos três Estados Meridionais que, hoje em dia, quasi todos os Teuto-Brasileiros estão convencidos de que estão ameaçados com a dissolução de sua nacionalidade e com a destruição da cultura alemã. Daí, muitos teuto-brasileiros que sob a influência da idéia integralista haviam já concordado em abandonar sua própria nacionalidade em favor dos Luzo-Brasileiros, caíram em si.

Depois de 10 de Novembro de 1937 foram fechadas ou nacionalizadas todas as escolas e associações alemãs. As associações nacionalizadas receberam nomes portugueses, seus presidentes passaram a ser indicados pelo Exercito Brasileiro, e estatutos validos por 10 anos, foram ditados pelos agentes oficiais da comissão nacionalizadora. Os sermões em alemão nas igrejas foram proibidos sob pena de sanção. O ensino da língua alemã nas escolas foi suprimido; só pode ser ensinada depois da 5a. classe primária e assim mesmo como idioma estrangeiro. Um trabalho cultural de 115 anos foi paralizado em

poucos meses; se será ou não completamente destruído, o futuro dirá. Ao mesmo tempo foi lançada contra os alemães uma campanha sistemática por meio da imprensa. Submetidos a medidas de "emergência" os elementos não lusitanos da população ficaram impotentes mas se teem conduzido, em tudo, como cidadãos disciplinados e obedientes à lei, não deixando que provocação alguma os induza à violência. Sómente quando as autoridades locais, sob ameaça de punição, decretaram a remoção de todas as inscrições alemãs em pedra tumulares, a população mostrou a sua amargura por meio de uma simples resistência passiva. Como resultado disto o caráter retroativo daquela medida foi abandonado.

Em Abril de 1939, o 32º Batalhão de Caçadores, composto exclusivamente de Brasileiros do Norte, foi mandado para Blumenau, em Santa Catarina. O Comandante do Batalhão proibiu (Abril 19, 1939) o uso de qualquer idioma estrangeiro em funções públicas tais como reuniões religiosas, conferências públicas ou discursos em casamentos e festas. Esta medida não se aplica às reuniões particulares nem a visitantes estrangeiros.

Os cidadãos alemães nos Estados do Sul sofrem igualmente sob a pressão do programa de nacionalização. Teem se visto privados de escolas para seus filhos, de sermões alemães em suas igrejas e de suas associações. A sua correspondência para a Alemanha é submetida a uma censura severa, e revistas alemãs teem sido confiscadas e destruídas. É preciso frizar que essas revistas não conteem ataque algum contra o Brasil e que a sua venda é permitida no Rio de Janeiro e em São Paulo. Não interferindo o cidadão alemão, de forma alguma, nos negocios internos do Governo brasileiro, prefere abandonar sua residência no Brasil e voltar para a Alemanha. O Sul do Brasil não oferece mais possibilidades para uma existência tolerável. O movimento de re-imigração para a Alemanha se desenvolveria como uma verdadeira avalanche se o grande numero de empregados de escritório, lavradores e fazendeiros possuíssem ou lhes fossem fornecidos os necessários meios. Navios alemães, hoje em dia, transportam mensalmente cerca de 250 a 300 imigrantes de volta para a patria. Uma nova imigração proveniente da Alemanha está definitivamente suspensa, e os efeitos da re-imigração far-se-ão sentir dentro de pouco tempo.

O destino dos alemães no Brasil claramente justifica as exigências alemãs de mais espaço (Lebensraum) para o excedente da sua população. Uma cousa é certa: a Alemanha não procurará êsse "Lebensraum" no Sul do Brasil, nem mesmo na América do Sul. O serem bem sucedidos no futuro, os sérios esforços da Alemanha no sentido de

assegurar relações amistosas com o Brasil, não depende da Alemanha mas unicamente do Brasil.

NOTA SUPLEMENTAR

A mais antiga e a mais vasta área compacta de estabelecimentos alemães cobre, no Rio Grande do Sul, todo o planalto central da Serra Geral ao norte do rio Jacuí e se estende, em estreita faixa, desde de Porto Alegre até as regiões do alto curso dêsse rio. Ela inclue cerca de 12.500 km². A primeira colônia fundada foi a de São Leopoldo (estabelecida a 25 de Julho de 1824 por Hunsrücker e gente da Renânia). Após a Guerra dos Farrapos, em 1845, apareceu a colônia do Feliz. Seguiram-se, em 1847, as colônias do Mundo Novo e de Nossa Senhora da Soledade (estabelecimento católico), em 1849 a de Santa Cruz (colônos da Renânia, da Pomerânia e da Silésia), em 1857, Santo Angelo, em 1859, Neu-Petropolis (Pomerânios e Saxões), em 1860, Monte Alverne. Ao mesmo tempo, a colônia de Teutônia (Westfalianos) foi fundada no Rio Poço das Antas. Santa Emilia foi estabelecida em 1865, Neu-Berlim em 1868.

Outra área de estabelecimentos alemães no Rio Grande do Sul, apareceu por volta de 1858, na Serra dos Taipés, graças à iniciativa privada do comerciante alemão Rheingantz. A colônia de São Lourenço foi a primeira a tomar forma nesta área. Foi seguida por Santa Augusta (1878), Aliança (1881), Santa Silvana (1870), São Domingos e Arroio do Padre (1871), e muitas outras.

A ultima área importante de estabelecimentos alemães no Rio Grande do Sul é representada pelas chamadas "Colônias da Serra", pequenos núcleos esparsos que se desenvolveram no alto planalto da Serra Geral. Esses estabelecimentos esparsos devem sua natureza peculiar à atitude anti-volkish do Governo brasileiro e à falta de uma política organizada dos colonos alemães. Assim, encontramos êsses núcleos alemães sempre rodeados por grupos que representam outros povos - Italianos, Russos, Polonezes e Portugueses. Aqui, os mais importantes estabelecimentos são: Ijuí (1890), Serra do Cadeado (1895) e Neu-Wurttemberg (1899, colonizados por Suevos). Podemos ainda mencionar Serra Pelada e Guarani (1891, por alemães da Russia), Buriti (1908), Serro Azul, Pirapó e Boa Vista (1912), Santo Christo e Sobradinho, assim como as chamadas pequenas colônias da região do Alto Jacuí. Mais tarde, colonias mixtas, promovidas pelo Governo, começaram a predominar cada vez mais se bem que nenhuma delas fosse tão bem sucedida quanto os estabelecimentos homogeneos dos Alemães e Italianos.

A primeira colônia alemã fundada em Santa Catarina foi a de São Pedro de Alcantara (1829), situada na região do litoral. Mafra, Rio Negro e Corrisco, nas serras, seguiram-se-lhe em 1829, e em 1835 os primeiros estabelecimentos do Rio Itajaí, no litoral. Em 1837, foi fundada Varzea Grande, no rio Cubatão; em 1847, Piedade, Santa Isabel e Leopoldina. Em todos êsses casos pequenos núcleos alemães foram espalhados entre as colônias mixtas. Em 1848, começou o período de intensa colonização alemã quando o Dr. Hermann Blumenau a quem o Brasil tanto deve, empreendeu a abertura da região do rio Itajaí-Assú. Aqui apareceu, subseqüentemente, o mais importante, o mais conhecido e compacto estabelecimento alemão, em Santa Catarina, Blumenau. Até a sua divisão oficial, em 1936, em 4 distritos administrativos separados, era esta a mais importante municipalidade no Estado de Santa Catarina. Em 1849, a Colônia D. Francisco, com a cidade de Joinville, tornou-se realidade; em 1853, são fundadas Santa Tereza e Teresopolis; o ano de 1860 viu o estabelecimento de Angelina e da colônia de Itajaí, o atual Brusque, no rio Itajaí-Mirim. São Bento foi estabelecida em 1871-1873 nas terras altas por trás da Serra do Mar. Mesmo em Santa Catarina havia desde então uma tendência crescente no sentido de colônias mixtas, que incluíam Italianos Poloneses, Rutenos e Portugueses juntamente com Alemães. Aqui podemos mencionar a colônia de Lucena (fundada em 1890, e hoje chamada Itaiópolis) na serra das nascentes dos rios São João e Negrinho, e a colônia de Porto União no rio Iguassú. Mais predominantemente alemãs eram as colônias Hanseáticas, de 1897, tais como Hansa-Harmonia, Natal, Sertão, Hansa-Humboldt e (na divisa com esta última) Jaraguá.

As últimas fundações coloniais tentadas pelo Governo Federal brasileiro antes da Guerra Mundial foram mal sucedidas. Como exemplo, temos as colônias mixtas de Anitapolis (1907), Esteves Junior e Rio Branco (1912).

Entre as colônias alemãs mais recentes, fundadas principalmente na serra e incluindo, a princípio, colonos veteranos (não houve novos imigrantes até depois da Guerra) podemos mencionar: Coronel Amazonas, Santa Cruz, São Pedro, Concordia e Vitoria (todas datando de 1916), assim como São Miguel (1919). Finalmente, a vasta região de florestas da ex-zona do "Contestado" - área disputada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina - foi colonizada pelas municipalidades de Cruzeiro e Chapecó. Estes estabelecimentos eram quasi que exclusivamente colônias mixtas, apesar de, aqui e ali, existirem núcleos alemães puros, como por exemplo Bom Retiro (1915-1922), Cruzeiro do Sul, Santa Clara, Rio do Peixe, Ipýra, Uruguai, Bela Vis

ta e Bela Nova (todas desde 1920). Das colônias mais recentes as mais importantes são Porto Feliz (Mondai, 1922-1924) e Porto Novo (Itapiranga, 1926), no Rio Uruguai. As colônias alemãs de Passarinhos, D. Carlos, Iracema e Dreizehnlinden (1933, conhecida hoje por Papuan) serão talvez os últimos estabelecimentos em Santa Catarina a absorver novos imigrantes da Alemanha. No futuro, novas colônias alemãs serão fundadas unicamente por homens de origem alemã que migrarem de outros estabelecimentos no Brasil.

A primeira imigração alemã para o Paraná data de 1829, e veio de Santa Catarina. Entre 1877 e 1879, vieram alemães do Volga, e entre 1908 e 1913 um limitado número de colonos da Alemanha propriamente. Sómente depois da Grande Guerra se expandiu a colonização alemã para essa região. Chegou ao seu máximo em 1928, daí declinando até se tornar nula. Até 1914, os núcleos mais importantes, espalhados entre grupos de outras terras, eram os seguintes: Rio Negro (1829), Curitiba (1833), Lapa (1877), Mariental, Passa-Três, Ponta Grossa, Castro, Caxambú, Quero-Quero e Papagaios Novos (todos em 1877), Imbituba (1890), Bom Jardim e Iratí (1908), Miguel Calmon (Neu Wien, 1909), Concordia e Cruz Machado (1912), e finalmente, Afonso Pena (1914).

Depois de 1919 houve uma considerável migração alemã para Cruz Machado e Candido de Abreu (1923) assim como para Serra Negra. Depois de 1932-1933 os últimos núcleos coloniais alemães foram estabelecidos no Paraná central e setentrional. Eram eles Augusta Vitória, no segundo "planalto", Terra Nova no primeiro, Neu-Dantzig e Roland e Heimtal no terceiro.

(THE QUARTERLY JOURNAL OF INTER-AMERICAN RELATIONS,
JULHO 1939, VOL.1, Nº 3).